

(recensão em Humanística e Teologia)

GATTI, GUIDO – *Tecnica e morale*. Roma: LAS [Libreria Ateneo Salesiano], 2001. 144 pág.

Guido Gatti, docente de teologia moral na Universidade Pontifícia Salesiana (Roma) é um nome bem conhecido e respeitado pelos moralistas, particularmente a partir da publicação do seu *Corso di teologia morale* (Leumann: LDC, 3 volumes). Com a desenvoltura e profundidade que o caracterizam, apresenta-nos, agora, uma muito válida reflexão sobre o que se poderia designar por «*tecnoética*».

A partir dos inícios do século XIX, altura em que a técnica começou a entrar em velocidade de cruzeiro com a persuasão de uma certa onipotência, não têm sido fáceis as suas relações não só com a ética, mas até com o alto pensamento filosófico e humanístico. Muitas posições parcelares, nem sempre justas e quase nunca construtivas, se podem encontrar desde a postura ingénua que imagina a técnica como conteúdo base do «progresso» e faz deste o grande absoluto-de-substituição contemporâneo, até à visão contrária que se fixa num pessimismo de má consciência e garante que ela, depois de ter destruído as relações humanas mais profundas, nos há-de conduzir irremediavelmente à catástrofe definitiva.

A teologia, porém, não apadrinha semelhantes visões redutoras. É verdade que, muitas vezes, não tem ultrapassado afirmações básicas como a da ambiguidade do progresso tecnológico ou a do alerta para a sua contínua tentação de transgredir os limites de um razoável domínio da natureza. Mas admitindo que, em linha de princípio, a técnica é expressão da inteligência e do trabalho humano com os quais o Criador nos mandou transformar e aperfeiçoar o mundo, à partida não deve ser vista com desconfiança, mas antes reclama um apurado discernimento para julgar se as suas imensas possibilidades apontam naquela direcção e se os seus resultados serão sempre eticamente aceitáveis.

É o que faz o presente autor. Numa série de cinco capítulos, situa o problema no âmbito do trabalho humano, apresenta as principais utopias de confiança ilimitada na técnica bem como as dos seus detractores, valoriza-a à base das ideias centrais do que poderá ser um projecto ético universalmente divisível e apresenta alguns modelos nos quais esse projecto se possa fundamentar. De seguida, em outros tantos capítulos, debruça-se sobre o que se poderia considerar o específico contributo cristão para uma técnica ao serviço de um desenvolvimento integral. E, sucessivamente, refere os temas da interioridade, sentido de responsabilidade/justiça, amor pela vida, humildade e sobriedade. Termina com uma reflexão sobre técnica e religião e desenvolvimento tecnológico e esperança cristã. O autor, evidentemente, recusa a mentalidade que faz da técnica uma espécie de religião alternativa. Mas não deixa de a considerar como ponto alto de uma história humana que se entronca com a história da salvação. E esta tem como meta o Reino de Deus.

Eis, então, uma obra oportuna, não só pelo muito que sugere, mas ainda mais pela capacidade demonstrada de a teologia, especialmente a moral, aceitar o desafio do concreto e da proposta da visão que lhe é específica. Tarefa urgente e indispensável num tempo em que, no âmbito laico, surgem muitos e bem documentados estudos sobre o assunto.

Manuel Linda